Dia 14 — São Valentim, Presbítero e Mártir

São Valentim, presbítero, achava-se em Roma no reinado do imperador Cláudio II, por volta do ano de 270. O universal e elevado crédito de sua virtude e de sua sabedoria havia-lhe granjeado a veneração não só dos cristãos, mas até dos próprios gentios. Mereceu o renome de pai dos pobres por sua grande caridade; e seu zelo pela religião era tanto mais eficaz quanto se mostrava mais puro e mais desinteressado. A humildade, a doçura, a solidez de sua conversação e certo ar de santidade que se derramava em todos os seus modos enfeitiçavam quantos o tratavam; ganhava primeiro os corações para si, e depois os ganhava para Jesus Cristo.

Não podia ser desconhecido na corte um homem como Valentim, tão venerado do povo e tão estimado dos grandes. Falaram dele ao imperador, informando-o de ser um homem de um mérito superior e de uma sabedoria extraordinária. Quis vê-lo, e o distinto modo com que o recebeu acreditou bem a grande estima que fazia de sua pessoa. Perguntou-lhe desde logo por que não queria ser seu amigo, visto que ele mesmo desejava sê-lo seu; acrescentando que, por isso mesmo que o estimava tanto, não podia levar com paciência que professasse uma religião inimiga dos deuses do império e, consequentemente, dos imperadores.

Valentim, que por sua compostura, por seu grato semblante e por sua modéstia havia já cativado o imperador, respondeu-lhe pouco mais ou menos nestes termos: Se conhecêsseis, senhor, o dom de Deus e quem é aquele a quem eu adoro e a quem sirvo, vos teríeis por felizes em reconhecer tão soberano dono e, detestando o culto que cegamente rendeis aos demônios, adoraríeis como eu o só Deus verdadeiro, criador do céu, da terra e de tudo quanto se contém neste vasto universo, juntamente com seu único filho Jesus Cristo, redentor de todos os mortais, igual em tudo a seu pai. Grande senhor, à benignidade deste único supremo numen deveis o ser que tendes e o império que gozais; ele só pode fazer-vos feliz a vós e a todos os vossos vassalos.

Ao ouvir isto, certo doutor idólatra que tinha ofício no palácio e se achava então no quarto do imperador perguntou-lhe: E que juízo fazes de nossos grandes deuses Júpiter e Mercúrio? — O juízo que eu faço — respondeu o santo — é o mesmo que tu próprio deves fazer; quero dizer, que não houve no mundo homens mais malvados que esses a quem vós dais o título de deuses. Vossos mesmos poetas tiveram grande cuidado de instruir-vos de suas infâmias e de suas dissoluções. À mão tendes suas histórias; mostrai-me unicamente sua genealogia, com uma breve notícia de sua vida, e far-vos-ei confessar que talvez não houve jamais homens mais perversos.

Aturdiu a todos uma resposta tão animosa quanto verdadeira; e, olhando-se atônitos uns aos outros, ficaram por algum tempo como embargados e mudos. Mas, voltados a si, ouviu-se uma confusa gritaria dos que clamavam em tom descomposto: Blasfêmia, blasfêmia. Mas o imperador,

ou porque estivesse interiormente convencido do que acabava de escutar, ou porque ao menos lhe tivesse feito alguma força, sem fazer apreço da desentoação dos cortesãos, quis ouvir Valentim em particular. Fez-lhe várias perguntas com muita bondade a respeito de diferentes artigos de nossa Religião. Se Jesus Cristo é Deus — perguntou-lhe —, por que não se deixa ver? E por que tu mesmo não me fazes evidência de uma verdade em que vou interessar-me tanto?

Senhor — respondeu-lhe o santo —, pelo que toca a mim, não deixareis de lograr esta ventura; e, depois de lhe ter explicado com a maior viveza e clareza os pontos mais essenciais de nossa santa fé, concluiu dizendo: Quereis, senhor, ser feliz? Quereis que vosso império floresça, que vossos inimigos sejam destruídos? Quereis fazer felizes vossos povos e assegurar-vos a vós mesmo uma eterna felicidade? Pois crede em Jesus Cristo, sujeitai vosso império a suas leis e recebei o batismo. Assim como não há outro Deus que o Deus dos cristãos, assim tampouco há que esperar salvação fora da religião que os cristãos professam. Não, senhor, fora da Religião cristã não há salvação.

Falou o santo com tanta energia e com tanto peso que o imperador pareceu verdadeiramente movido; e até é fama que, voltado a seus cortesãos, lhes disse: É preciso confessar que este homem nos diz muito belas coisas e que a doutrina que ensina tem tal ar de verdade que não é fácil resistir a ela. Ao ouvir estas palavras, o prefeito da cidade, chamado Calpúrnio, começou a gritar: Não vedes como este encantador enganou nosso príncipe? E quê! Abandonaremos a religião de nossos pais, e a que mamamos com o leite, e na qual nos criamos desde o berço, para abraçar uma seita desconhecida e incompreensível?

Ao ouvir esta sediciosa exclamação do prefeito, temeu o imperador algum tumulto; pôde mais este infeliz medo que a graça interior que o solicitava fortemente a converter-se; e, sacrificando sua eterna salvação a um vil respeito humano, sufocou os salutares movimentos de seu coração e remeteu a causa do santo presbítero ao prefeito Calpúrnio, para que a instruísse e sentenciasse segundo as leis.

Mandou Calpúrnio que o metessem no cárcere e encarregou ao juiz Astério que lhe fizesse a causa como a cristão e como um dos maiores inimigos dos deuses do império.

Astério havia sido testemunha da grande impressão que haviam feito no imperador as palavras de Valentim e celebrou muito que se lhe oferecesse esta ocasião de falar-lhe devagar, resolvido a empregar quantos artifícios pudesse para derrubá-lo da fé, não duvidando de que faria bem a corte ao prefeito se lograsse persuadir Valentim a que renunciasse o cristianismo.

Com esta ideia o levou a sua casa. Apenas entrou nela nosso santo, levantando as mãos e os olhos ao céu, rogou fervorosamente ao Senhor que, pois havia dado seu sangue e sua vida pela salvação de todos os homens, se dignasse alumiar com as luzes da fé todos os habitantes daquela casa, que estavam sepultados nas trevas da idolatria, fazendo-lhes a graça de conhecer Jesus Cristo, verdadeira luz do mundo.

Ouviu Astério esta oração e disse-lhe: Admiro-me de que um homem de tão nobre, de tão claro entendimento tenha Jesus Cristo por verdadeira luz; grande lástima me dá ver-te encaprichado nesses erros. — Sabe, Astério — respondeu o santo —, que não estou no erro e que não há verdade mais inegável que a de que Jesus Cristo, meu Salvador e meu Deus, que se dignou fazer-

se homem por nós, é verdadeira luz que alumia todos os que vêm ao mundo. — Se isso é certo — replicou Astério em tom de burla —, quero fazer a prova: aí tenho uma filha, a quem amo ternamente, que está cega há muitos anos; se Jesus Cristo lhe restitui a vista, empenho-te minha palavra de fazer-me cristão com toda a minha família.

Animado Valentim de uma viva fé, mandou trazer a donzela; e, fazendo sobre seus olhos o sinal da cruz, dirigiu ao céu esta oração fervorosa: Senhor meu Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que destes vista a um cego de nascença e que quereis a salvação de todos os homens, dignai-vos ouvir a oração deste pobre pecador e curar esta pobre donzelinha. A estas palavras recobrou a vista a menina. Astério e sua mulher lançaram-se aos pés de Valentim pedindo-lhe o batismo. Catequizou-os o santo por alguns dias e os batizou com toda a sua família, em número de quarenta e quatro pessoas, cuja maior parte teve a ventura de receber poucos dias depois a coroa do martírio.

Tendo chegado à notícia do imperador tudo o que havia passado, admirou a virtude divina tão visivelmente ostentada em todas estas maravilhas. Grande desejo tinha este príncipe de livrar São Valentim; mas, temendo alguma sedição do povo, que já o suspeitava cristão, não se atreveu a embaraçar que os juízes o julgassem e o condenassem segundo as leis. Esteve alguns dias no cárcere carregado de cadeias e foi espancado muitas vezes; até que, por fim, foi degolado fora da cidade na via Flamínia, que vai à Úmbria, no ano do Senhor de 270. Os cristãos tomaram seu sagrado corpo e o enterraram perto da mesma porta Flamínia, que depois se chamou a porta de São Valentim e hoje se chama do Popolo, perto da Ponte Molle. Diz-se que o papa Júlio mandou edificar uma igreja sobre a sepultura de nosso santo, a qual reparou no ano de 645 o papa Teodoro, e foi depois muito célebre pela muita devoção que sempre teve o povo a este grande servo de Deus. A maior parte de suas relíquias estão em Roma, embora se venerem algumas em muitas cidades da Itália e da França, especialmente em Melun, sobre o Sena, e na abadia de São Pedro.

O Beato João Batista da Conceição, Fundador dos Padres Descalços da Santíssima Trindade

Nasceu este santo varão em Almodóvar, na Espanha, a 10 de junho de 1561, de uma família ilustre, e principiou à idade de sete anos a observar uma vida muito mortificada, querendo imitar o silêncio e as austeridades dos padres do ermo. Santa Teresa predisse a seus pais a futura santidade deste filho de bênção. Logo que acabou seus primeiros estudos, frequentou os cursos públicos da universidade de Baeza, distinguindo-se neles pelos progressos que fez e mais ainda pela pureza de seus costumes. João Batista manifestou no princípio o intento de entrar nos carmelitas descalços; mas mudou repentinamente de ideia e tomou o hábito no convento da

Santíssima Trindade, pronunciou seus votos e entregou-se com zelo às funções do ministério apostólico. Fez-se célebre por seus sermões e pelo ascendente de suas virtudes. A ordem da Santíssima Trindade necessitava bem de voltar à sua antiga disciplina, que estava em grande maneira relaxada. Os principais chefes das casas haviam ordenado um plano de reforma, que foi adotado desde logo no convento de Valdepeñas. João Batista submeteu-se a ele um dos primeiros e foi até encarregado da direção deste convento; mas teve a dor de ver que os religiosos que saíam desta casa não conservavam longo tempo sua observância e que, entrando em outros conventos, tomavam o antigo gênero de vida. Movido do estado destas coisas, marchou João Batista a Roma em 1598 e obteve do papa Clemente VIII um breve que o autorizou a reformar inteiramente o convento de Valdepeñas e todas as demais casas. Com esta autorização estabeleceu a reforma primeiramente em oito comunidades, apesar dos infinitos obstáculos que teve que vencer e de ter sido maltratado em diferentes encontros. Foi ele quem introduziu o uso de andar a pé descalço, o que fez dar-lhe o título de fundador dos trinitários descalços. Sua vida inteira foi assim consagrada ao bem da Religião e a fazer reflorescer uma ordem de que foi um dos principais ornamentos. Sua preciosa morte sucedeu em Córdoba a 14 de fevereiro de 1613, e Pio VII o beatificou a 29 de abril de 1819.

Martirológio Romano

Em Roma, sobre a via Flamínia, a festa de São Valentim, presbítero e mártir, o qual, depois de ter dado grandes provas de seu profundo saber e do dom que tinha de curar enfermos, foi espancado e decapitado no tempo do imperador Cláudio.

Também em Roma, os santos Vital, Feliculo e Zenão, mártires.

Em Terni, São Valentim, bispo e mártir, o qual, depois de ter sido açoitado, foi posto no cárcere e, como seguisse inalterável, tiraram-no em meio de uma escura noite e cortaram-lhe a cabeça por ordem de Plácido, prefeito da cidade.

Ali mesmo, os santos Próculo, Efebo e Apolônio, mártires, os quais se achavam orando uma noite diante do corpo de São Valentim quando foram presos por ordem do consular Leôncio e mortos a fio de espada.

Em Alexandria, os santos mártires Baso, Antônio e Protólico, que foram lançados ao mar.

Além disso, os santos mártires Círion, presbítero; Basiano, leitor; Agatão, exorcista, e Moisés, os quais, depois de ter sofrido o suplício do fogo, voaram ao céu.

Ali mesmo, os santos Dionísio e Amônio, decapitados pela fé.

Em Ravena, Santo Eleucádio, bispo e confessor.

Na Bitínia, Santo Auxêncio, abade.

Em Sorrento, Santo Antonino, abade, o qual, depois de saqueado pelos lombardos o mosteiro de Monte Cassino, retirou-se a um ermo perto daquela cidade, onde morreu em odor de santidade. Seu corpo obra ainda muitos milagres, e seu crédito para com Deus mostra-se assinaladamente na libertação dos endemoninhados.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus: ut qui beati Valentini martyris tui natalitia colimus, a cunctis malis imminentibus ejus intercessione liberemur: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Concedei-nos, onipotente Senhor, por intercessão do bem-aventurado mártir Valentim, cuja festividade celebramos, que sejamos livres dos males que nos ameaçam: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 10 da Sabedoria.

Sabedoria 10,10-14

> **Latim:** 10 Hæc profugum iræ fratris justum deduxit per vias rectas, et ostendit illi regnum Dei, et dedit illi scientiam sanctorum ; honestavit illum in laboribus, et complevit labores illius. 11 In fraude circumvenientium illum affuit illi, et honestum fecit illum. 12 Custodivit illum ab inimicis, et a seductoribus tutavit illum : et certamen forte dedit illi ut vinceret, et sciret quoniam omnium potentior est sapientia. 13 Hæc venditum justum non dereliquit, sed a peccatoribus liberavit eum ; descenditque cum illo in foveam, 14 et in vinculis non dereliquit illum, donec afferret illi sceptrum regni, et potentiam adversus eos qui eum deprimebant : et mendaces ostendit qui maculaverunt illum, et dedit illi claritatem æternam.

Português: 10 Esta é a que guiou por caminhos direitos ao justo, quando fugia da ira de seu irmão e lhe mostrou o reino de Deus, e lhe deu a ciência dos Santos: A que o enriqueceu nos trabalhos, e

recompensou as suas fadigas. [11] No dolo dos que o violentavam, lhe assistiu, e o fêz rico. [12] Guardou-o dos inimigos, e o assegurou dos enganadores, e o meteu num duro combate, para que vencesse, e soubesse que de tôdas as coisas a mais poderosa é a sabedoria. [13] Esta não desamparou ao justo vendido, mas sim o livrou dos pecadores: E desceu com êle ao fôsso, [14] e o não largou nas cadeias, até lhe depositar nas mãos o ceptro do reino, e o poder contra aquêles que o deprimiam: E convenceu de mentirosos aos que o deslustraram, e lhe deu uma nomeada eterna.

Nota

«Ao livro de onde se tira esta epístola chamam os gregos a sabedoria de Salomão. Não se pode duvidar de que Salomão fosse seu autor, pois o mesmo autor assegura que era rei e filho de rei; e na oração que faz a Deus no capítulo nove lhe pede que o faça digno do trono de seu pai, lhe dá graças por tê-lo escolhido para governar seu povo e para fabricar-lhe o templo na cidade santa; circunstâncias que não podem convir a outro que a Salomão.»

Reflexões

O Senhor guiou o justo por caminhos direitos. O Espírito de Deus nunca guia por outros. A retidão de coração e de entendimento são duas das mais belas pinceladas que sempre se descobrem no retrato do justo. O pecador sempre vai por caminho torcido, assim como o justo marcha a Deus pelo mais direito.

De que servem todos esses giros oblíquos, vãos artifícios do amor-próprio? Será acaso que Deus não saberá correr a cortina a todos esses mistérios de iniquidade, nem desenredar todos esses enredos espirituais? Atordoam-se os homens em seus descaminhos, procuram alucinar-se; e que se ganha com isso? Os dissolutos descaminham-se a olhos abertos e em pleno meio-dia, os falsos devotos a favor das névoas. Muitas pessoas que fazem profissão de devotas vivem em grosseiros erros práticos por falta desta retidão. Tudo serve de pretexto e de alimento ao amor-próprio, até a mesma religião. Lisonjeia-se alguém de que ama a Deus, e ama-se a si mesmo. O pretexto da maior glória de Deus serve não poucas vezes maravilhosamente para nutrir nosso orgulho. É a retidão uma pureza de intenção e de motivo que encaminha a alma para o bem, por amor do bem mesmo. Ainda quando a retidão não se achasse em um grau de perfeição tão elevado, seria ainda muito proveitosa. Bom Deus! Essa frouxidão na devoção, essa condescendência consigo mesmo, essa lentidão, essa tibieza em servir-vos provam bem sensivelmente quão poucos são os que vos amam sinceramente. A ciência dos santos é a ciência da salvação, e a ciência da salvação é a ciência prática do Evangelho; a mera especulação, o conhecimento só e sem mais do que se deve obrar pode ser a ciência das almas réprobas. Saber o que se deve fazer e fazer o que se sabe: essa é a verdadeira ciência dos santos. Que bom amo é Deus! Que vantajoso, que doce é servi-lo! Não só premia o que se faz, mas o que se quisera fazer por ele; toma-nos em conta nossa boa vontade; no serviço deste amo tão liberal e tão agradecido sempre se colhe o fruto dos trabalhos; tanto recebem os que vêm tarde como os que vêm cedo, se o fervor daqueles excedeu o zelo destes.

O Senhor o fez respeitável, acrescenta o Sábio: *Honestavit illum in laboribus.* Coisa estranha, que sejam tantos os que amam a distinção e a honra e sejam tão poucos os que buscam a glória onde verdadeiramente se acha! Somente a virtude é a mãe da verdadeira glória. Consultemos os mais imperfeitos; sentem não sei que estima, não sei que respeito para com as pessoas virtuosas. É este um tributo que se paga à virtude cristã e de que ninguém se exime.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Mateus.

Mateus 10,34-42

> **Latim:** 34 Nolite arbitrari quia pacem venerim mittere in terram : non veni pacem mittere, sed gladium : 35 veni enim separare hominem adversus patrem suum, et filiam adversus matrem suam, et nurum adversus socrum suam : 36 et inimici hominis, domestici ejus. 37 Qui amat patrem aut matrem plus quam me, non est me dignus : et qui amat filium aut filiam super me, non est me dignus. 38 Et qui non accipit crucem suam, et sequitur me, non est me dignus. 39 Qui invenit animam suam, perdet illam : et qui perdiderit animam suam propter me, inveniet eam. 40 Qui recipit vos, me recipit : et qui me recipit, recipit eum qui me misit. 41 Qui recipit prophetam in nomine prophetæ, mercedem prophetæ accipiet : et qui recipit justum in nomine justi, mercedem justi accipiet. 42 Et quicumque potum dederit uni ex minimis istis calicem aquæ frigidæ tantum in nomine discipuli : amen dico vobis, non perdet mercedem suam.

Português: 34 Não julgueis que vim trazer paz á terra : não vim trazer-lhe paz mas espada : 35 porque vim a separar ao homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra: 36 e os inimigos do homem serão os seus mesmos domesticos. 37 O que ama o pai, ou a mãe mais do que a mim, não he digno de mim: e o que ama o filho, ou a filha mais do que a mim, não he digno de mim. 38 E o que não toma a sua cruz, e não me segue, não he digno de mim. 39 O que acha a sua alma, perdel-la-ha: e o que perder a sua alma por mim, achalla-ha. 40 O que a vós vos recebe, a mim me recebe: e o que a mim me recebe, recebe aquelle que me enviou. 41 O que recebe hum profeta na qualidade de profeta, receberá a recompensa de profeta: e o que recebe hum justo na qualidade de justo, receberá a recompensa de justo. 42 E todo o que der a beber a hum d’aquelles pequeninos hum copo d’água fria só pela razão de ser meu discípulo: na verdade vos digo, que não perderá a sua recompensa.

Meditação

Da necessidade da penitência

Primeiro ponto

Considera que não há mais que dois caminhos para ir ao céu: a inocência ou a penitência. Não há meio-termo. Ou nunca pecaste, ou foste pecador. Bom Deus! Quem poderá presumir de ter-se conservado naquela primeira inocência? E quem poderá dispensar-se dos rigores da penitência? Busca outra senda, se a achas; mas adverte que Jesus Cristo a ignorou. Finge o sistema que quiseres; forja a moral que te vier à vontade: pretextos de saúde, vãos títulos da idade ou do estado; figura-te privilégios e razões para eximir-te de uma lei tão indispensável. Não há outro partido a tomar: ou chorar no tempo, ou arder por toda a eternidade; ou inferno, ou penitência.

Esta vida é o tempo da misericórdia, é o fruto da morte do Redentor. Mas a justiça nem por isso há de ficar frustrada de seus direitos; estes são os que correm por conta da penitência; ela, por assim dizer, é como substituta ou como procuradora da divina justiça. Sim, Deus quer fiar-se de tua boa-fé para castigar teus pecados; quer que tu mesmo sejas o vingador de teus delitos, que te imponhas o castigo. Poderiam estar teus interesses em mãos mais favoráveis nem mais amigas? Desenganemo-nos: todo pecado há de ser castigado, ou por um Deus vingador ou pelo homem penitente.

Que penitência não fez o mesmo Jesus Cristo só por ter tomado a aparência de pecador! As almas mais puras, os santos mais inocentes passaram a vida entre espantosas penitências e na maior amargura de coração. Quanto tempo pelas culpas mais leves molharam o pão em suas dolorosas lágrimas! Nós, graças ao Senhor, somos da mesma religião; temos pecado; ah! Que nenhum de nós há que não possa dizer com o Profeta: *Iniquitates meæ supergressæ sunt caput meum* [^1]: transbordam minhas maldades por cima da cabeça; e qual é nossa penitência? Contudo, ninguém há que não espere gozar a mesma glória que gozam os santos, ninguém que não pretenda a mesma coroa. Mas em que se funda esta confiança? Nos méritos de Jesus Cristo? Sem dúvida que a estes méritos deveremos nossa salvação; mas será sem fazer penitência? Ouçamos o mesmo Jesus Cristo: *Nisi pænitentiam egeritis, omnes similiter peribitis* [^2]: se não fizerdes penitência, todos perecereis sem remédio. Não ignorava ele mesmo o preço de seu sangue; conhecia perfeitamente o valor e a virtude de seus merecimentos. Apesar disso, com toda a redenção superabundante, com todo o fruto de minha paixão e de minha morte, diz o Salvador, ninguém se salvará se não fizer penitência. *Omnes*: Todos perecereis. Igualmente o rei que o vassalo, tanto o amo como o criado; todos. A dama nobre como a mulher plebeia, a senhora da casa como a criada: todos. O sábio, o mercador, o secular e o eclesiástico. Jovens, e vós que estais na velhice, gentes do mundo e religiosos, se não fizerdes penitência, todos perecereis: *Omnes similiter peribitis.* Este só oráculo vale toda uma meditação, vale um livro inteiro.

Ah, meu Deus! Que cargos não me está fazendo agora minha consciência! Que remorsos, que justos espantos, que sobressaltos, que sustos! E será tudo isto sem proveito?

Segundo ponto

Considera que é grande erro querer salvar-se sem fazer penitência. A menos que renuncies meu Evangelho, diz o Salvador do mundo, deves inferir que quem pecou, se não faz penitência, não se salvará. Crê-se, ou ao menos segue-se hoje esta evangélica máxima?

Mas não será bastante penitência confessar alguém seus pecados? E não bastarão por satisfação aquelas orações vocais, aquelas ligeiras obras de virtude que se impõem em penitência? A esta pergunta respondo eu com outra. E será possível que a doutrina de Jesus Cristo em ordem à necessidade da penitência se haja de entender só por isto e não haja de ter outro sentido?

Os santos, que não praticaram outra teologia moral que a que lhes ensinou Jesus Cristo, deram a estas palavras uma interpretação tão benigna? E nós mesmos, por pouca tintura que tenhamos de nossa religião, persuadir-nos-emos facilmente de que todo o castigo que a divina justiça exige por nossas graves culpas se reduz a uma satisfação tão curta, tão ligeira e tão superficial? Depois dos mais enormes pecados, será esta toda a penitência de um cristão?

Quê! Aqueles dissolutos, aqueles insignes pecadores, aquelas mulheres mundanas cuja confissão mal interrompe por algumas horas, uma ou duas vezes por ano, o jogo, o fausto, a profanidade, os convites, os saraus, e talvez talvez outros pecados mais feios; essas pessoas que se dispõem para a confissão da Páscoa com as mais requintadas diversões do carnaval e que ainda talvez se dispensarão do jejum e da abstinência de carne na quaresma: todas estas fazem verdadeira e suficiente penitência?

Quê! Aquelas outras pessoas tão imortificadas que, sob um exterior de piedade, no próprio estado de penitência, buscam talvez todas as suas comodidades; que aos olhos de Deus pode ser que não tenham do verdadeiro penitente mais que a indispensável obrigação de sê-lo; essas pessoas que não reconhecem outra regra que a do amor-próprio, terão feito penitência? E, se não levam uma vida mais penitente, em que princípios, contra a palavra expressa do mesmo Jesus Cristo, fundarão a esperança de sua salvação?

Mas não me acharei eu porventura no caso? Estou seguro de que pequei; mas estou igualmente seguro de que fiz penitência? Seguiu-se a essa verdadeira contrição a fuga das ocasiões, a reformação dos costumes, a modéstia no vestido e, enfim, dignos frutos de penitência?

Meu Deus, quanto tenho que repreender-me! E como sofrerei algum dia os cargos que vós me fareis se desde hoje não começo a fazer penitência? Vejo a precisão, conheço a necessidade indispensável; tudo arrisco se a difiro; mas, ainda que soubesse que havia de morrer dentro de vinte e quatro horas, quero ter o consolo de ter começado.

Jaculatórias

> *Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine animæ meæ.* Is 38.

Senhor, de hoje em diante repassarei diante de ti minha má vida na amargura de meu coração.

> *Quis dabit oculis meis fontem lacrymarum, et plorabo die ac nocte?* Jr 9.

Quem dará, Senhor, a meus olhos uma fonte de lágrimas para chorar dia e noite minhas maldades?

Propósitos

1. Poucos há que não digam, e menos há ainda que não tenham razões para crer que são grandes pecadores; mas onde está a penitência? Esta confissão estéril só serve para aumentar mais o cargo. De que serve confessar-se pecador, se não se faz alguém penitente? Não há que desculpar-se com a pouca idade, com a delicadeza da compleição, nem muito menos com os empregos, com o estado, com a qualidade. Pecaste? Pois sem penitência não há para ti salvação. Fora da penitência interior, que se passa na amargura do coração, é necessária outra penitência exterior que mortifique o corpo e o humilhe. Começa pelas penitências que são de preceito: abstinências de obrigação, jejuns da Igreja são leis de que não te podes dispensar com vãos pretextos. Que desordem não se vê hoje neste particular! Parece que estes preceitos somente se fizeram para os claustros ou para a gente pobre. É uma pessoa nobre? É rica? Pois nunca tem bastante saúde para comer de vigília ou para jejuar; é preciso que se a dispense. Mas aprovará Deus todas estas dispensas? Examina o que faltaste neste ponto; guarda-te bem de permitir que os que estão a teu cargo se dispensem sem grave e sem notório motivo, porque te farás réu de seu pecado.

2. Não te contentes com as penitências comuns de que nenhum cristão pode licitamente dispensar-se, não ocorrendo grave causa para isso; há outras particulares que talvez não te serão menos necessárias a respeito de tuas necessidades espirituais. A vista só, só o nome de instrumentos de penitência aterra frequentemente muitas pessoas a quem não aterram as maiores maldades. Bem se lhes poderia perguntar a muitos se o número e a enorme gravidade das culpas dispensa deste gênero de penitências; porque é coisa que chama a admiração a novidade que lhes causa quando um confessor zeloso, ao ouvir suas enormíssimas culpas, tem valor para impor-lhas. Coisa assombrosa! Um jovem, uma donzela terna deixam o mundo ainda antes de tê-lo conhecido e vão conservar sua primeira inocência entre os rigores da penitência mais austera, enquanto aquele outro irmão seu dissoluto, aquela outra irmã desenvolta vivem entregues à desordem sem querer nem sequer ouvir falar de penitência nem de mortificação. Será semelhante a sorte eterna de uns e de outros? Consulta quanto antes com teu diretor o que deves observar neste ponto; não dês ouvidos a tua delicadeza, mas a tua religião, a tua consciência e a tua necessidade. Se te conservas ainda na inocência batismal, a penitência é como o sal, que preserva da corrupção; se pecaste, não há outro contraveneno que a penitência.

[^1]: Sl 37. [^2]: Lc 13.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:56 by Admin

Updated 20 November 2026 20:44:56 by Admin